“Podemos viver juntos”

O maestro e intelectual judeu fala de sua experiência à frente de uma orquestra que reúne jovens músicos de todo o Oriente Médio

Sérgio Martins



ROBERTO SETTON

O argentino naturalizado israelense Daniel Barenboim, de 62 anos, é um dos maiores nomes da música erudita atual. Nascido em Buenos Aires, ele se lançou na carreira de concertista aos 7 anos de idade. Na década de 60, assumiu também a função de maestro. Regeu grupos importantes, como a Filarmônica de Berlim, a Sinfônica de Chicago e a Ópera Estatal de Berlim — nas duas últimas, acumulou o cargo de diretor artístico. Seu repertório de regência é vasto: vai de clássicos como Beethoven — sua gravação das sinfonias do alemão é tida como essencial — aos compositores contemporâneos. Barenboim é também um agudo polemista. Uma de suas brigas é em defesa da obra do alemão Richard Wagner (1813-1883), famoso pelo anti-semitismo. “Ele foi um ser humano execrável e um compositor genial”, diz. Em 1999, ao lado do intelectual palestino Edward Said, Barenboim criou a West-Eastern Divan Orchestra, que reúne jovens músicos judeus e árabes. A orquestra atualmente está sediada em Sevilha, onde é sustentada por uma verba anual de 2,5 milhões de euros. Nesta entrevista, Barenboim fala de música e dá seu ponto de vista sobre o conflito no Oriente Médio.

Veja — *O senhor está à frente de uma das iniciativas mais celebradas do mundo da música erudita, a West-Eastern Divan Orchestra, que reúne jovens árabes e judeus. O que o levou a fundar a orquestra?*

Barenboim — A West-Eastern Divan é, antes de mais nada, uma experiência de integração social. Era isso que eu e meu parceiro, o intelectual palestino Edward Said, tínhamos em mente ao dar início a esse projeto. Queríamos mostrar aos dois lados de um conflito sangrento que é possível criar ambientes em que árabes e judeus vivem e trabalham juntos. Cada vez que a orquestra ensaia ou se apresenta, essa mensagem é passada adiante. Demonstramos isso há duas semanas ao tocar em Ramallah, na Cisjordânia, um dos lugares onde os conflitos entre judeus e palestinos estão mais à flor da pele.